

DISCUSSÕES COM O PROFESSOR JOÃO AUGUSTO SOUZA LEÃO DE ALMEIDA BASTOS SOBRE A CONCEPÇÃO E IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA (PPGTE), NA UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ (UTFPR)

Discussion with professor João Augusto Souza Leão de Almeida Bastos about the conception of the Postgraduate Program in Technology (PPGTE), in Federal Technological University of Paraná (UTFPR)

Fabiano Ostapiv

Resumo

Em parte pelas experiências de pesquisa, da interface da ciência, com a tecnologia e a educação que desenvolveu o professor João Augusto no grupo de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na década de 80 e 90; somadas às experiências com a educação universitária, o desenvolvimento do projeto de cursos superiores de tecnologia para o Brasil, no Ministério da Educação (MEC) na década de 70, e a implantação e direção de um Centro Federal de Educação Tecnológica na Bahia, o filósofo João Augusto é colocado no local e momento certos, para capitanear a concepção e abertura de um novo e importante desafio – a criação do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Educação Tecnológica (PPGTE), dentro de um Centro Tecnológico, o CEFET-PR, hoje Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). O objetivo deste trabalho é resgatar um pouco dessa história. Para isso, foi realizada uma entrevista aberta, na forma de depoimento, com o professor. Como resultado, obteve-se de forma sintética e acessível, muitas das ideias mestras que nortearam a construção do PPGTE.

Palavras-chave: Tecnologia. Educação tecnológica. Inovação tecnológica. Pós-graduação.

Abstract

In part due to his research experiences about science, technology and education (in a research group of CNPq in the 1980s and 1990s), alongside with the High Education teaching activities, the project for institutes of technology in Brazil and the implantation and direction of a Federal Technological Education Center in Bahia, philosopher João Augusto is always the right one to be in charge of a new and important challenge. In this case, the creation of an interdisciplinary Postgraduate Program in Technology and Technological Education (PPGTE), inside of UTFPR. The purpose of this paper is show and register a little of this history. For this, an open interview with the Professor was made as a testimony. The results showed, in a synthetic form, many of the main ideas of Professor João Augusto that oriented the construction of PPGTE.

Keywords: *Technology. Technologic education. Technologic innovation. Pos-graduation.*

Introdução

Uma das formas mais rápidas e diretas de levantar dados, registrar e debater um conhecimento específico é através de entrevistas com pessoas de reconhecida experiência no assunto em questão, seja no conhecimento teórico ou prático. A dificuldade nesse tipo de metodologia, no entanto, é muitas vezes a superficialidade e a contradição existente entre as declarações da pessoa com sua prática individual, além de alguma defasagem existente com o conhecimento escrito, disponível sobre a área de conhecimento em pauta. Neste trabalho estas dificuldades foram minimizadas, pois o professor, filósofo, administrador de Centros de Tecnologia e pesquisador especializado na prática do ensino tecnológico, professor João Augusto Souza Leão de Almeida Bastos, apresenta uma grande e reconhecida erudição, paixão e produção científica por uma área que ele mesmo ajudou a desenvolver, durante várias décadas no Brasil.

Este trabalho busca registrar de forma acessível, um pouco do pensamento filosófico do professor João Augusto, quanto às diretrizes que nortearam o surgimento do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, no então Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, bem como a discussão da importância estratégica de um programa com esta natureza, inovadora e interdisciplinar, surgido fora da dimensão ortodoxa da universidade tradicional.

Não menos importante, é o registro histórico deixado pelo trabalho, que com ênfase no existencialismo pessoal, do qual o professor João Augusto participa com seu trabalho e exemplo de vida, busca valorizar este excepcional profissional e ser humano. O professor João Augusto, devido às escolhas responsáveis que fez em sua trajetória de vida, dedicadas ao ideal de construir uma sociedade do conhecimento crítica e engajada, onde a tecnologia é libertária do homem, colocaram-no em posição de trabalhar intensamente por uma causa em que sempre acreditou: a criação de uma dimensão da investigação da ciência, da tecnologia e do ensino dentro de uma instituição tecnológica. A entrevista foi realizada em 1999, e ainda no viés histórico, este trabalho busca valorizar os 100 anos de existência do ensino técnico e tecnológico na hoje Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Metodologia

A entrevista com o professor João Augusto foi realizada em agosto de 1999, em estilo de depoimentos. Baseada em perguntas feitas pelo entrevistador ao entrevistado que discorria livremente sobre o assunto proposto. Foram gravadas em fitas microcassete quatro sessões de entrevistas com duração de aproximadamente 50 minutos cada sessão. O material gravado foi transcrito, corrigido e revisado. O próprio professor João Augusto fez algumas correções no texto original. Desse material, foi selecionado o trecho em que o professor discute a criação do PPGTE.

Entrevista

Professor João Augusto, em 1993 o senhor escreve o projeto de mestrado para o CEFET-PR, como foi esta experiência?

Essa oportunidade surgiu, por um lado, da minha experiência profissional no MEC com o projeto dos cursos superiores de tecnologia e com a implantação e direção de um centro de Educação Tecnológica na Bahia. Depois, tive uma experiência do CNPq, que me colocou, juntamente com vários colegas, num contato rico e inovador com a ciência e a tecnologia. Mesmo estando no CNPq, continuei ligado à educação e trabalhando na ligação ciência, tecnologia e educação.

Marco importante no CNPq foram os três anos em que trabalhei como pesquisador no Centro de Políticas Científicas, criado em 1983, hoje, infelizmente extinto. Então, na busca como pesquisador, cataliso e sintetizo as experiências anteriores, que me fazem refletir, pesquisar e estudar mais a fundo questões, como o relacionamento entre a ciência e a tecnologia, para mostrar a importância do cenário da educação vinculada à tecnologia na educação nacional.

A idéia do mestrado em tecnologia nasceu dessas experiências de pesquisa no CNPq. Daí veio à mente do grupo de pesquisa, o desejo de criar uma área de conhecimento, a ser investigada pela academia, sobre a questão da educação e o mundo do trabalho. Existiam escritos profundos sobre a formação profissional, mas que eram mais ou menos dispersos, de acordo com o perfil do pesquisador, que ora enveredava pelo caminho da educação e trabalho, ora pelo caminho da questão da educação profissional. Mas na grande rede de escolas técnicas e de formação profissional no Brasil, não existiam grupos de pesquisa sobre esta temática.

Haviam pesquisas vinculadas às faculdades de educação, o que era bom, mas estes pesquisadores não estavam dentro da rede profissionalizante, não estavam inseridos no contexto, na vivência das escolas técnicas e dos CEFETs. O resultado foi que o grupo de pesquisa do Centro de Políticas Científicas, do CNPq, alertou para a necessidade da

criação de núcleos de pesquisa, no interior das instituições de ensino tecnológico, para continuar e aprofundar os estudos promovidos por aquele Centro.

Pensamos nesta época, num mestrado em tecnologia dentro do CEFET-PR ou do CEFET-RJ, pois no CEFET-MG já havia começado um programa de mestrado em tecnologia, com área de concentração nas vinculações da educação com a ciência e a tecnologia, hoje chamado Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico (PPGET - <http://www.et.cefetmg.br/>).

Pela posição de destaque e liderança no cenário nacional do CEFET-PR, achamos que lá seria um local ideal para por em prática as ideias do grupo. Desse modo, seria possível pesquisar mais a fundo e de maneira concentrada, por exemplo, as práticas do ensino tecnológico dentro dos próprios CEFETs, das escolas técnicas e agrotécnicas. Assim, o grupo achou que seria muito rico para o país criar um núcleo permanente de pesquisa dentro do CEFET-PR que já tinha uma experiência em pós-graduação, com o Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica e Informática Industrial (CPGEI - <http://www2.cpgei.ct.utfpr.edu.br/>)

Então foi proposto que o CEFET-PR pudesse criar outro mestrado na área técnica, o PPGTE, à semelhança do programa pioneiro que estava caminhando muito bem. Houve uma movimentação e o diretor geral do CEFET-PR na época, Professor Ataíde Ferrazza, manifestou muito interesse em apoiar o projeto, que inclusive já havia sido incluído na sua plataforma de governo, uma proposta de criação de um mestrado em educação, só não sabia de que forma seria este mestrado. Isto caiu como uma luva e houve então uma acolhida grande, positiva e entusiasmada por parte da direção em implementar um novo mestrado com características de educação.

Historicamente, o mestrado nasceu na esfera do CNPq numa discussão de um grupo do qual faziam parte os Professores Ivan Rocha Neto e José Carlos Pereira Peliano. Este último, na época, diretor do Centro de Políticas Científicas do CNPq, nos deu muito apoio para o desenvolvimento das

pesquisas nesta área.

Fui convidado então pelo professor Ataíde para vir até Curitiba. Existiam dificuldades, pois eu não podia pedir transferência de uma instituição que tinha carreira própria de ciência e tecnologia, para uma carreira de ensino. Assim, fui cedido com muita boa vontade e compreensão por parte do presidente do CNPq, senhor Lyndolfo Carvalho Dias, por tempo indeterminado para o CEFET-PR, com a missão de implantar o mestrado de tecnologia e educação tecnológica.

Em 1994, quando cheguei a Curitiba, trabalhei muito também em um programa criado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia cujo executor foi o CNPq, chamado Programa de Competitividade e Difusão Tecnológica, na época integrante da política industrial do governo. Este programa trabalhava uma dimensão muito importante da tecnologia, a dimensão da inovação tecnológica. Inovação não se cria aleatoriamente, precisa ser planejada, é um processo que exige técnica, cabeça e postura. Nosso grupo de pesquisa no CNPq ajudou a organizar, em Brasília, um curso de especialização chamado Agentes de Inovação Tecnológica. O primeiro curso foi testado em Brasília, e o segundo em Curitiba, com a participação do Sebrae nacional, no qual foram formados cerca de 40 especialistas em agentes de inovação.

Por um lado existia a idéia da educação tecnológica nos CEFETs e, por outro, partiu-se para uma experiência de inovação tecnológica, entendendo que um processo de inovação é importante, inclusive para analisar e justificar a própria educação tecnológica. Assim, a educação ligada à tecnologia, e a inovação tecnológica, foram constituídas como as grandes linhas mestras do programa de mestrado. O principal é que, por trás destas linhas de ideias, a política maior foi a de criar espaço e condições objetivas, dentro da instituição, para a existência de um grupo permanente de pesquisa que conseguisse agregar e formar uma boa equipe de doutores, que de maneira contínua abrissem suas próprias linhas de pesquisa.

Em 1994 foi constituído um Grupo de Trabalho na instituição que formatou a idéia da educação e da inovação tecnológicas visando à montagem do projeto do programa de mestrado a ser encaminhado ao

Conselho de Ensino e ao Conselho Diretor, e posteriormente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Ministério da Educação. Neste mesmo ano de 94, muito se discutiu com os professores dos departamentos os fundamentos mais filosóficos e epistemológicos da educação tecnológica; o que é denominado de educação tecnológica, quais seus fundamentos, quais as razões profundas que levaram a formulação do conceito de educação tecnológica e quais as experiências da educação tecnológica?

Ao lado de toda essa fundamentação mais filosófica e teórica, foi criado o contexto teórico desta educação tecnológica, tentando resgatar os 90 anos de ensino profissionalizante no Paraná e no Brasil, nos quais o CEFET-PR foi, e continua sendo, ator essencial. Via-se a necessidade de estudar a história dessa modalidade de ensino, contextualizado e crítico, desde Nilo Peçanha até os dias de hoje; estudar os seus métodos, as técnicas de ensino, os seus acontecimentos. Enfim, era importante estudar todo esse arcabouço histórico, teórico e prático do ensino tecnológico no Brasil.

Enquanto uma linha de pesquisa procurou estudar os métodos, as técnicas e os currículos do ensino tecnológico, a outra área procurou estudar as questões da inovação tecnológica, o que é, como vai desabrochar numa gestão de projetos com visão prospectiva; como é possível antever a evolução tecnológica do futuro, etc. Vai estudar a teoria dos sistemas, as ciências da complexidade, entendendo a inovação não como algo que cai do céu aleatoriamente, mas sim como algo consolidado que precisa ser planejado, estudado e investigado.

Faz-se necessário estudar como é que se inova na tecnologia, como é que se processa esta invenção. Na medida em que se aprofundam os estudos, são estabelecidos elos de ligação entre a inovação e a educação tecnológica, pois ambas têm relações estreitas. Neste aspecto, o programa do PPGTE é pioneiro, o único programa existente no país com esta dimensão entrelaçada de inovação e educação tecnológica (<http://www.ppgte.ct.utfpr.edu.br/>).

A visão desse mestrado em tecnologia é diferente da visão da engenharia. Não é um programa de engenharia, mas sim de tecnologia. Tem um entendimento diferenciado da tecnologia, não no sentido de engenheirar e fazer a tecnologia, mas no sentido de conceber de maneira global, extraindo aspectos educacionais, sociais, antropológicos e até políticos da tecnologia. Tecnologia é um entendimento e não um agregado de técnicas; é também uma grande categoria geral e humana que precisa ser percebida e entendida. A tecnologia vai, portanto, exigir do cidadão posturas tecnológicas, vai exigir comportamentos e entendimentos não de máquinas apenas, mas do processo como um todo. Portanto esse programa aborda a tecnologia numa outra dimensão, com um fundo mais humano, antropológico e holístico.

Outra dimensão importante que vem fortalecer essa visão com teor holístico da tecnologia é a visão histórica. Não podemos entender a fundo a tecnologia sem essa visão. Toda tecnologia tem história, toda técnica é precedida de uma história; antes de chegar ao ápice da evolução mais completa de uma tecnologia, existiram tecnologias mais simples e primitivas, mas que também são tecnologias. O ser humano mais primitivo vivia de técnicas que são anteriores à própria ciência.

Entender a evolução da tecnologia, a máquina a vapor, a revolução industrial e pós-industrial, tudo isso é importante nas pesquisas do programa. Por exemplo, o entendimento do currículo de um ensino de telecomunicações ou de mecânica conduz ao resgate de toda sua história. O entendimento histórico é fundamental para entender mais a fundo as questões tecnológicas, que não ficam somente nos currículos e não estão limitadas no espaço e no tempo. Ruy Gama, professor emérito da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, hoje infelizmente falecido, incentivou muito a criação desse programa de mestrado com a dimensão histórica. Na disciplina “Arte, técnica e profissão” o conteúdo foi formulado por ele.

Em função das duas grandes áreas, educação tecnológica e inovação, permeada em tudo pela história da técnica, foram definidas as linhas de

pesquisa e as áreas de concentração. Nos fundamentos da educação tecnológica, uma área mais filosófica e epistemológica. Na inovação tecnológica, destaca-se a gestão de projetos e, pela urgência do tema, a questão do meio ambiente. De nada adianta desenvolver tecnologias que venham a violentar o meio ambiente, violentar o cidadão no seu contexto de vida e no ambiente em que ele habita. O meio ambiente e a gestão ambiental são de fundamental importância para entender a própria tecnologia e seu futuro. Após a construção das áreas de concentração e das linhas de pesquisa, montou-se o elenco de disciplinas do programa, com suas respectivas ementas.

Tivemos a satisfação de iniciar o programa de mestrado em agosto de 1995, e já em novembro do mesmo ano, o curso recebeu a recomendação da Capes, coisa um tanto quanto extraordinária, pois isso demora normalmente um ano ou mais. Atualmente, 1999, ele já recebeu a primeira avaliação da Capes, foi credenciado e é um curso aprovado e oficialmente válido em todo território nacional, com condições legais de emitir diplomas e tendo várias dissertações defendidas.

Em grandes linhas, a história do programa é essa, o porquê do programa, onde ele foi incubado e as grandes preocupações. E apesar de não estar totalmente consolidado, caminha progressivamente para seu amadurecimento, com apoio firme da instituição.

Acredito que o programa está numa fase importante de consolidação. O importante é que com o programa foi aberta de maneira permanente a pesquisa na tecnologia. Com a missão de estudar esta importante área da educação vinculada à tecnologia, tão necessária para o desenvolvimento do país. O programa é do CEFET-PR e faz parte da política de expansão e difusão do conhecimento científico e tecnológico da instituição junto à comunidade. Não é mais o pesquisador da universidade tradicional, como a UFPR, ou a UFPE, enfim, que estuda os CEFETs, de acordo com seu interesse particular, e sim um grupo de pesquisadores endógenos que o fazem com maior propriedade.

Em 1998, o diretor autorizou a abertura de vagas. Estamos hoje com

cerca de 10 professores permanentes do quadro do CEFET-PR e alguns visitantes de fora, como é de praxe em todo programa de pós-graduação consolidado. Isto chama a atenção: é um programa que está sendo sustentado pela instituição, com toda a infraestrutura física. A Capes ajuda pouco, apesar de ser um programa oficial. Acredito que o programa tem um grande futuro pela frente, tem a possibilidade de ser um programa excelente. Naturalmente, essa excelência não se adquire da noite para o dia, pois todo o programa de pós-graduação para amadurecer, precisa de tempo, reflexão e pesquisa.

Mesmo que se reúna um bom quadro de doutores, não é por isso necessariamente que o programa vai estar ou ser excelente, é preciso todo um amadurecimento. Este é um trabalho a ser desenvolvido também com os mestrados.

Em função de todo esse esforço de criar e difundir conhecimento, foi feita uma experiência inovadora com o CEFET-MG e CEFET-RJ, criando parceria para editar uma revista técnico-científica envolvendo os três programas de tecnologia. Isso está sendo até hoje uma experiência pioneira – uma revista técnico-científica em consórcio com outras instituições para discutir resultados conjuntos de nossas pesquisas.

O programa não é só obra do professor João Augusto. Eu tive naturalmente a ventura de, pela história da minha vida, dar apoio a esta iniciativa. Hoje, porém, não é mais a ideia de uma pessoa ou de um grupo restrito, mas uma ideia compartilhada, discutida e assumida por todos aqueles que compreendem o valor do programa e de todos aqueles que participam dele mesmo que indiretamente.

O programa poderia então ter sido destinado para o CEFET-RJ?

Sim, poderia.

O senhor acredita que foi uma espécie de “sorte” a implantação do programa no CEFET-PR?

Sim, mas foi também em função do desejo e da construção dessa possibilidade. O CEFET-PR vinha ocupando há tempos uma posição de destaque no cenário nacional. Aqui já existia um programa de mestrado que estava caminhando muito bem, com anos de experiência e bons resultados. As condições objetivas oferecidas ao programa, a infraestrutura, o apoio da direção e da comunidade, a posição estratégica do Paraná no Sul, foram todos fatores muito importantes, mas a ideia poderia ter ido para outro lugar.

O senhor recebeu um convite da direção da escola para trazer o programa para cá ou o senhor se apresentou por conta própria?

Houve uma conjugação de interesses mútuos. Como eu vinha acompanhando toda a história do CEFET-PR, eu tive a oportunidade de passar aqui, participar de seminários, de simpósios, etc. Sempre que tinha eventos importantes, eu comparecia representando ou o MEC ou o CNPq.

Com o passar dos anos, com minha experiência de pesquisa, tive uma boa parte de minha vida ligada à universidade e ainda, após a extinção do Centro de Políticas Científicas e Tecnológicas do CNPq, deixei de ser pesquisador. Voltei a ser técnico em análise de processos, a dar pareceres em projetos de pesquisa, etc., mas eu não fazia mais pesquisas. Era uma inspiração pessoal voltar a ser pesquisador, e a academia é um local de ensino que nos dá a oportunidade para isso. Por um interesse pessoal, por razões também familiares, eu tinha condições de me transferir para o Sul, somado ao interesse em ser pesquisador na área de educação tecnológica dentro de uma instituição de ensino tecnológico. Não havia o interesse de ir para uma universidade federal, pois lá não haveria a mesma receptividade, não haveria a mesma sensibilidade em acolher um programa desta natureza. Até porque já conhecíamos, da experiência de implantação dos cursos superiores de tecnologia, as dificuldades de entendimento com as universidades tradicionais.

Eu descobri conversando com o diretor, professor Ataíde, que havia um

interesse por parte do CEFET-PR em me acolher. Então houve a conjugação de meu interesse pessoal e profissional, e o interesse por parte da instituição. Foi um casamento que facilitou, tanto para mim, como para que outros professores, parceiros e colegas participassem da elaboração do programa. Professores visitantes de nosso programa, como o professor Ivan Rocha e o professor Peliano, por razões familiares ou profissionais, não puderam vir para Curitiba. Então eu fui quase que designado pelo grupo, em nome do CNPq, para representá-los aqui no CEFET-PR. Nesse ponto, eu me considero um felizado, pois tive a oportunidade de arregaçar as mangas e fazer uma coisa em que sempre acreditei. Uma causa nobre: criar a dimensão da investigação científica num terreno fértil, a saber, dentro de uma instituição tecnológica de renome.

Como foi a formação do grupo de professores do PPGTE em seu início?

Não foi fácil. Tentamos inicialmente aproveitar o pessoal que estava chegando com o doutorado. Nesta época a professora Sônia Ana Charchut Leszczynski estava chegando com seu doutorado dos EUA, e hoje, em 1999, coordena o programa. O professor Herivelto Moreira também estava chegando com seu doutorado da Inglaterra. Na instituição, no entanto, havia poucos doutores com a visão aprofundada da educação e da inovação tecnológica. Então, com a autorização do diretor, tivemos que buscar professores fora. Pesquisei na rede da Capes e do CNPq, verificando quais os brasileiros que estavam no exterior concluindo o doutorado e que os seus projetos de doutorado tivessem uma certa afinidade com o nosso programa. Eu precisava convidar doutores que já tivessem alguma ligação com a educação e inovação tecnológica. Foi assim que nós conseguimos aproveitar alguns professores, como o professor Alfredo Iarozinski Neto, que na época estava terminando seu doutorado na França em inovação tecnológica.

O trabalho de garimpagem foi difícil, não era qualquer doutor que interessava, mas alguém que tivesse um projeto de doutorado com afinidades com o programa. Normalmente eram pessoas que tinham laços

familiares aqui no sul. Foi muito difícil a formação da equipe; primeiro, foram aproveitados os doutores recém-chegados, do quadro próprio, depois, os que estavam se formando no exterior, e finalmente, professores que estavam se aposentando e que tivessem uma certa simpatia e vivência com a proposta do nosso programa. Aproveitou-se assim a professora Marília Gomes de Carvalho, que é aposentada da UFPR e, embora a área dela seja a antropologia, ela fez pós-doutorado na França na área de inovação tecnológica com a visão antropológica e sociológica da inovação. De maneira análoga, o professor Carlos Alberto Faraco, também aposentado da UFPR; ambos são professores que tinham vivência e sensibilidade para entender o modo de ser do programa. Enquanto isso se adotou a política de imediatamente selecionar professores para iniciar o seu doutorado com foco na questão tecnológica, em suas múltiplas faces, sendo que muitos deles já estão em fase adiantada nos seus estudos. Tudo isso é uma experiência pioneira no Brasil, pessoas que saem para fazer seus doutorados já integrados a um programa de pós-graduação previamente.

Foi uma tarefa árdua, pois sem doutores não se pode fazer programa algum. Não somente selecioná-los, mas prepará-los para a dimensão do programa, convencê-los de que devem afinar estas idéias, é uma tarefa difícil. Mas, graças a Deus, o plano está se desenvolvendo bem.

Como são os pesquisadores do PPGTE e qual é a contribuição deles para a sociedade?

No fundo, o nosso programa busca ser um programa de integração social, um programa de pesquisa que pretende se integrar às necessidades da região. O primeiro resultado pode ser visto pelas dissertações já defendidas e aprovadas. Os temas abordados pelos pesquisadores que hoje são mestres são todos pertinentes, de grande excelência no contexto da região, como por exemplo, na enfermagem. Tivemos enfermeiras que fizeram aqui o seu mestrado e defenderam sua dissertação mostrando como a educação tecnológica e o processo de inovação são importantes para renovar toda a política de enfermagem, o curso de enfermagem e as

próprias técnicas da enfermagem.

Como o nosso corpo docente está se consolidando, esses temas de pesquisa, essas dissertações são frutos que ainda estão por vir. Porém já temos dissertações importantes, aprovadas com reconhecimento externo. O importante é que o programa em si é um programa que tem sua razão de ser e que busca a comunicação com as necessidades da região e da comunidade onde está inserido.

Professor João, o senhor poderia apontar neste período inicial de existência do PPGTE alguns pontos positivos e negativos e dar sugestões para o bom desenvolvimento do programa?

O programa foi inaugurado em agosto de 1995. Estamos fazendo, portanto, quatro anos, precisamente no dia 14 de agosto. Este programa veio, como eu disse na aula inaugural, para ficar, e já ficou. A comunidade do CEFET-PR reconhece o valor e o crédito desse programa e está nos apoiando muito. É um programa que está integrado à instituição funcionando como pólo de irradiação e difusão da mensagem científica e tecnológica. Um exemplo disso é que, na última seleção, na quarta turma, tivemos 213 candidatos para 26 vagas, demonstrando o interesse da comunidade. Se fosse autorizado pela Capes, poderíamos tranquilamente abrir vagas somente para os profissionais que trabalham no CEFET-PR. No entanto, isso não é permitido, pois o programa é da comunidade. Há muita gente boa e competente se candidatando. Acho que eles descobriram o valor, a mensagem e o conteúdo do programa.

Para mim, o grande aspecto positivo é que o programa é da casa e integrado às aspirações da instituição em avançar no caminho da pesquisa e da qualificação de seu pessoal. Por outro lado, o programa está se irradiando, em todas as seleções as pessoas vêm de longe para se candidatar, do Ceará, Goiás, Mato Grosso, do extremo sul, etc. Então não é só a região do Paraná a beneficiada, também muitos outros Estados da Federação, o que é muito importante para o programa.

Vale a pena ressaltar que está se conseguindo, de maneira permanente e constante, fazer pesquisas na área de educação, ciências e tecnologia, gerando conhecimento numa área bastante carente em nosso país.

Outro aspecto positivo, é que o programa está conseguindo reunir um grupo de professores das mais variadas formações, pois a grande tônica deste programa é a interdisciplinaridade – engenheiros, filósofos, antropólogos, linguistas e economistas. É uma formação multifacetária com todos conversando, unidos e de acordo com os pontos de vista fundamentais do programa, apesar da dialética natural do trabalho de pesquisa. Isso é uma grande coisa, pois raros são os programas de pós-graduação que têm esta estrutura. Alguns inclusive que se dizem multidisciplinares não conseguem reunir essa variedade de profissionais num mesmo local de trabalho. E aqui se conversa na mesma língua, com o entendimento numa base comum, fazendo pesquisas que busquem reforçar esta característica. É um programa interdisciplinar que constrói na prática esta realidade; o que é um fator extraordinário em termos de pós-graduação no Brasil. Este ambiente de interdisciplinaridade, este entusiasmo na construção do conhecimento não está só na esfera dos professores, o programa consegue passar isto para os mestrandos.

Nesses anos todos foi difícil começar do zero um programa dessa natureza. Apesar do apoio e boa vontade por parte da administração, nos dois primeiros anos a situação foi muito crítica, pois o governo federal não autorizava abertura de concursos e muitos professores eram contratados em caráter precário e provisório, como professor substituto visitante, por um ano, podendo ter seu contrato renovado por apenas mais um ano, pelas normas federais. Assim, muitos professores não poderiam mais “legalmente” permanecer na instituição. Para sorte do programa, e por todo o empenho do diretor geral na época, professor Paulo Aléssio, houve autorização para preencher cinco vagas das 11 vagas concedidas pelo governo federal ao CEFET-PR. Isto deu um certo alívio aos professores, pois havia um mal-estar muito grande no programa. Que garantia de permanência um pesquisador contratado tinha aqui no CEFET-PR? Não

havia segurança nenhuma. Os professores poderiam ser colocados na rua no dia seguinte, não por vontade da coordenação ou da direção, mas por norma federal. A abertura de vagas deu um alívio a essa pressão e assim foi conseguido aproveitar parte do pessoal que já trabalhava conosco há alguns anos. Essa foi uma grande dificuldade superada na qual a direção da instituição mostrou novamente visão estratégica e compromisso em fazer o programa se desenvolver.

Outra dificuldade é que, por ser um programa novo, o grupo de pesquisadores é pequeno. Existem muitas necessidades e uma demanda reprimida, muitas pessoas querem e precisam fazer pós-graduação, e a capacidade do programa em atender a esta formação de pesquisadores é bastante limitada. Somado a tudo isso há a falta de recursos. Essas dificuldades, no entanto, são históricas na pesquisa do país, e se refletem também no PPGTE. Se fossem disponibilizados mais recursos financeiros pelo governo federal, haveria condição de contratar mais pesquisadores, para fazer mais pesquisa, com mais alunos.

Outro aspecto difícil foi que, durante os primeiros anos, a sede do programa ficou num espaço provisório, no terceiro andar sobre a biblioteca central da Unidade de Curitiba. Hoje, as condições de trabalho melhoraram, o programa tem um espaço definitivo, um ambiente melhor para trabalhar, principalmente em termos de orientação de alunos e acomodação dos professores.

As dificuldades estão sendo superadas acredito que quando o grupo de docentes afastados do programa retornarem de seus doutorados, e que o grupo que aqui ficou consolide suas linhas de pesquisa e amadureça no entendimento mais profundo da proposta do programa, então, com certeza, chegaremos a um próspero e promissor programa de doutorado.

Conclusão

A entrevista e a transcrição dos depoimentos do professor João Augusto, fundador, articulador, mentor intelectual e primeiro coordenador do PPGTE, mostrou-se muito rica. Este trabalho registra as motivações

históricas que levaram a implantação deste importante programa de pós-graduação. Além disso, lança luz sobre a missão e a direção esperada no desenvolvimento futuro do programa. Hoje, passados mais de dez anos da realização da entrevista, é possível verificar que muito das previsões do professor se consolidaram como, por exemplo, o estabelecimento do doutorado no programa.

Referências

BASTOS, J. A. S. L. A. **A educação Técnico-Profissional - Fundamentos, perspectivas e prospectivas**. Curitiba: Editora CEFET-PR, 1991.

BASTOS, J. A. S. L. A. Educação e Tecnologia. **Revista Educação & Tecnologia**. v. 1. Curitiba, Editora CEFET-PR, jul. 1997.

BASTOS, J. A. S. L. A. **Cursos Superiores de Tecnologia – Avaliação e perspectivas de um modelo de educação técnico-profissional**. Curitiba: Editora CEFET-PR, 1999.

BASTOS, J. A. S. L. A.; QUELUZ, M. L. P.; QUELUZ, G. L.; **Memória e Modernidade – Contribuições histórico-filosófica à educação tecnológica**. Curitiba: Editora CEFET-PR, 2000.

CPGEI. Disponível em: <<<http://www2.cpgei.ct.utfpr.edu.br/>>>

PPGET. Disponível em: <<<http://www.et.cefetmg.br/>>>

PPGTE. Disponível em: <<<http://www.ppgte.ct.utfpr.edu.br/>>>